

COELHO, Maíra Castilhos. **As múltiplas presenças do ator: novas relações e inovações em territórios cênicos**. 2017. 242 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, São Paulo, 2017.

## RESUMO

No capítulo 3, Maíra apresenta um estudo minucioso sobre os tipos de presença e o que é entendido como presença por estudiosos das artes da cena. É muito vasto e transitório esse conceito, havendo diversas interpretações e construções das presenças cênicas, podendo ser no campo do real e do virtual, com as suas subdivisões, como: presença in situ, co-presença efetiva, presença simultânea e onipresença, além dos efeitos diversos dessas presenças.

## CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA

elucida muito sobre o que pretendemos trabalhar da presença simultânea e co-presença, trazendo ainda mais questionamentos sobre os tipos de efeitos de presença que queremos causar em nossos telespectadores.

## PESQUISA AMPLIADA (pesquisar)

4DArt

CITAÇÃO	COMENTÁRIO
quando diretores dizem aos seus atores para estar no presente, este estar presente, no presente, para os atores já é um estado além do estar normalmente. Então, passamos do sentido inicial do verbo ser para o estar presente. Portanto, estar presente tem o sentido de ter presença (Maíra Castilhos, 2017, p. 100)	estamos presentes sempre, mas estar presente na completude da cena requer muito, ainda mais nas duplas presenças virtual e real
valorizar o silêncio entre as palavras. (Maíra Castilhos, 2017, p. 101)	isso é muito presente na própria fala das nossas avós, o contar com calma e detalhado
"A ausência como técnica suprema de presença!". (Maíra Castilhos, 2017, p. 105)	como usar esses momentos de ausência como metáfora dentro da própria narrativa cênica
A subjetividade contra a emotividade. (Maíra Castilhos, 2017, p. 106)	a naturalidade das avós em dizer coisas difíceis e violentas

<p>O ator precisa, cada vez mais, ser multimídia... Além de buscar uma presença em cena, precisa aprender a jogar com a câmera, com o microfone, com a projeção e muitas vezes contracenar com um espectro e com a sua própria imagem. (Maíra Castilhos, 2017, p. 106)</p>	<p>os desdobramentos do ofício, a presença total, sem perder a personagem construída</p>
<p>A imagem transmite uma ideia de presença, como se ela estivesse ali, e essa reflexão pressupõe também uma constatação da ideia de ausência. (Maíra Castilhos, 2017, p. 107)</p> <p>De tal maneira que a presença na tela, nos provoca reações muito semelhantes das que temos quando estamos de fato diante de uma pessoa presente. (Maíra Castilhos, 2017, p. 108)</p>	<p>a nossa aposta no visual e menos na verbalização, narrativa poética, e ainda utilizando recursos de acessibilidade.</p>
<p>A superfície de projeção é também o que traz um lado artificial, mais frequentemente responsável por uma fratura nessa colagem de ficção que é a cena do teatro multimídia. Desde sempre, o desafio das projeções em cena tem sido fazer esquecer a tecnologia, de conseguir apagar a presença imperturbável da tela. (Maíra Castilhos, 2017, p. 108)</p>	<p>como fazer a projeção ser parte integrante e não um corpo estranho adicionado</p>
<p>a autora Perrot (2013, p.409-410) destaca quatro formas de presença (do ator e do espectador), indo da presença viva à presença mediatizada. (Maíra Castilhos, 2017, p. 109)</p>	<p>muito interessante pensar em como mediar essas presenças em Marias de forma leve, descontraída e atrativa, sem causar desconforto em nosso público. Aqui eu lembrei do espetáculo “hysteria”, na disposição do espaço cênico, a divisão da plateia e como estabelecer um diálogo direto e colocar o público na co-presença efetiva.</p>
<p>é mais fácil o som produzir um efeito de presença do que a imagem. Isso porque o som não precisa de suporte, ele vibra completamente ao redor de nós e nós podemos senti-lo em nosso corpo. Já a imagem deve estar fixada ou projetada sobre uma superfície (Maíra Castilhos, 2017, p. 112)</p>	<p>apostar nas sonoridades autorais e originais para o espetáculo. som bnaural?</p>

<p>Esta "presença" é gerada pela imagem, ao vivo, que provoca uma sensação de presença, a partir do seu potencial performativo. (Maíra Castilhos, 2017, p. 115)</p>	<p>o real imaterial, como na realidade aumentada</p>
<p>Podemos então dizer, que a imagem ao vivo fabrica a sensação de uma realidade que é confundida com o real na sua recepção pelo espectador. Assim, a imagem ao vivo é performativa (Maíra Castilhos, 2017, p. 116)</p>	<p>traz uma interatividade com o ponto de vista do próprio espectador</p>
<p>proliferação de espetáculos imagéticos, em que a palavra é substituída por imagens em busca de uma ampliação de significados. (Maíra Castilhos, 2017, p. 116)</p>	<p>aqui temos o canal de contato mais direto com o espectador</p>
<p>este duplo virtual endossa o status de personagem por inteiro. Assim, a questão do duplo, se manifesta particularmente bem quando o ator é confrontado por sua própria imagem ou, ao menos, quando os espectadores são testemunhas do desdobramento que ocorre na apresentação da imagem. (Maíra Castilhos, 2017, p. 117)</p>	<p>o diálogo entre o real e o virtual, a completude das personagens</p>
<p>alguns diretores resolverão restituir as imagens tais como elas são captadas, sem as fazer sofrer alterações particulares, enquanto que outros, recorrerão a programas de tratamento de imagens, operando em tempo real, durante a representação. (Maíra Castilhos, 2017, p. 118)</p>	<p>resolução na dramaturgia/roteiro. E qual será a nossa escolha? os espectadores que irão manipular a cam? qual/quais as nossas telas?</p>
<p>o cenário é uma imagem virtual que joga com o ator real. Isso, graças as imagens serem projetadas sobre uma tela côncava, na qual os personagens em cena (interpretados por um único ator em cena) penetram e parecem assim “caminhar na imagem”. (Maíra Castilhos, 2017, p. 119)</p>	<p>a direção de arte permeada por aqui</p>
<p>Somos sempre levados a considerar a presença e a ausência como dois opostos. Mas, assim como o real e o virtual, elas não se opõem tal como mostra as obras abordadas. Elas correspondem principalmente a duas polaridades de um mesmo processo intermediário que leva de um a outro (e vice-versa), passando por uma série infinita de variações</p>	<p>muito interessante essa coexistência da presença e da ausência na cena, traz potência pra cena</p>

<p>mediatizadas pelas tecnologias, uma série de graduações relativas a uma mudança de estado da matéria. (Maíra Castilhos, 2017, p. 122)</p>	
<p>a passagem do corpo físico ao corpo virtual marca uma transformação em relação a qualidade de ser, pois daqui para frente a presença subjetiva do indivíduo transita por um corpo digital, agindo como um duplo ou uma máscara. (Maíra Castilhos, 2017, p. 123)</p>	<p>muito interessante essa análise</p>
<p>O personagem virtual, aparece tanto no cinema, como no teatro. O sucesso ou fracasso dessa "aparição" depende da intensidade e da complexidade dos efeitos de presença do qual essa figura se acompanha. Desprovido da materialidade que poderia lhe conferir a presença do ator, o personagem virtual suscita de fato questões tanto do ponto de vista do espectador como da crítica teatral. (Maíra Castilhos, 2017, p. 124)</p>	<p>importante para pensarmos nas presenças virtuais</p>